



Do rio para o mundo:

Universidade desenvolve projeto para salvar espécie - Pág. 8

Projeto de inclusão
vence prêmio nacional
Pág. 6

Rejeitos de minério viram
tijolos ecológicos
Pág. 11

Pesquisa e Extensão apresentam
resultados do ano em Carangola
Pág. 12



Palavra do Reitor

A nossa Universidade assume cada vez mais, por meio de seus professores, estudantes e servidores, o papel que lhe cabe na busca de soluções, inovações e tecnologias que sejam motivadoras para as melhorias sociais e ambientais de nosso estado.

Uma das grandes missões que se imputa a uma Universidade, especialmente quando pública, é a sua capacidade de dialogar, intervir e ser agente de transformação da realidade local, por meio da promoção do conhecimento e realização dos projetos que produz, retroalimentados pelos saberes e necessidades das regiões nas quais a mesma se insere.

Nesta edição, apresentamos, dentro da perspectiva ambiental, um projeto realizado pela Unidade Carangola que visa à perpetuação de uma espécie de cágado, ameaçado de extinção, que existe somente na região da bacia do Rio Paraíba do Sul. De igual forma,

veremos que na Faculdade de Engenharia de João Monlevade já surgem pesquisas que buscam reaproveitar os rejeitos de minério de ferro na composição de tijolos ecológicos, tema hoje tão debatido face ao desastre ocorrido na barragem de Fundão em Mariana.

Na perspectiva social, reconhecemos a importância das ações de inclusão social por meio de um projeto originário da Escola de Design de BH, premiado nacionalmente, que dissemina a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) por meio de uma iniciativa simples, porém pedagogicamente consistente. Do mesmo modo, transformamos nosso vestibular em um fórum privilegiado para a discussão de questões prementes de gênero e raça em nossa sociedade, quando indicamos uma obra da talentosa escritora Conceição Evaristo, permitindo, assim, que mais de 20 mil candidatos reflitam sobre esses temas.

Da mesma maneira, várias ações, projetos e pesquisas integraram a programação da 17ª edição do nosso Seminário de Pesquisa e Extensão - P&E, realizado na cidade de Carangola no final do mês de novembro, e que apresentou à comunidade mineira a produção gerada pela Universidade durante o ano de 2015 em diversas áreas do conhecimento, nas quais são oferecidos nossos cursos de graduação e pós-graduação.

Estas pesquisas trazem igualmente consigo a centelha social transformadora que tem inflamado nossa Universidade nos diversos *campi* em Minas Gerais, consolidando cada vez mais a nossa instituição como um rico espaço de diálogo, proposição e de interlocução incansável com diversas vozes e atores sociais.

Uma boa leitura!

Dijon Moraes Júnior
Reitor

EXPEDIENTE

Reitor: Prof. Dijon Moraes Júnior; Vice-reitor: Prof. José Eustáquio de Brito; Pró-reitora de Ensino: Prof.ª Renata Vasconcelos; Pró-reitora de Extensão: Prof.ª Vânia Aparecida Costa; Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação: Prof.ª Terezinha Gontijo; Pró-reitor de Planejamento, Gestão e Finanças: Adailton Vieira Pereira. Jornal da UEMG é uma publicação da Assessoria de Comunicação – ASCOM. Assessor de Comunicação: Waldyr Vieira Júnior. Jornalista responsável: Leonardo Araújo. Redação: Assessoria de Comunicação da Unidade Divinópolis, Leonardo Araújo, Luiz Gonzaga Oliveira. Projeto gráfico e Diagramação: Sofia Santos. Fotos e imagens: Agência Minas, Arquivo Librário, Braz Cosenza, Francesca Tovoli, Rodrigo Simões, Unidades da UEMG, <http://www.freeimages.com/>, morguefile.com. Tiras: Ricardo Tokumoto. Tiragem: 10.000 exemplares.



O que são Políticas Públicas?

Cynthia Rúbia Braga Gontijo - Profª e vice-diretora da Faculdade de Políticas Públicas/FaPP - UEMG

Políticas públicas são ações de natureza pública desenvolvidas pelo Estado, por vezes em conjunto com a Sociedade, para responder às demandas por direitos. Elas englobam, restringem e expandem conteúdos diversos, sendo, portanto, objetos e ações em disputa historicamente determinadas. Do ponto de vista genérico, são um conjunto de ações que fazem parte de uma ampla agenda que, no final das contas, visam ao reconhecimento, à garantia e à ampliação de direitos econômicos, sociais, ambientais, culturais, humanos, dentre outros.

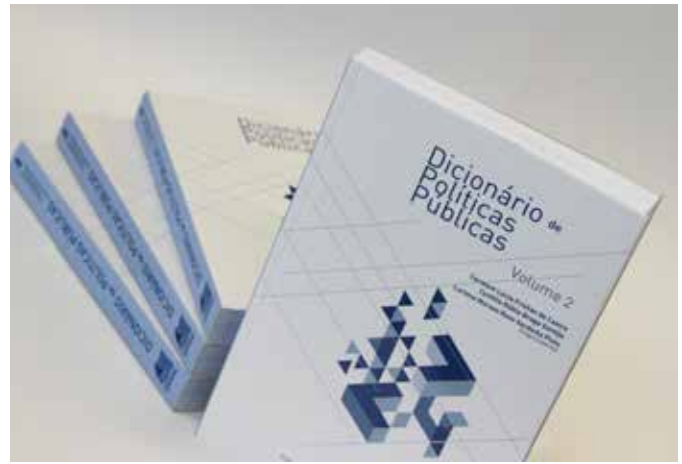
Políticas públicas têm, por um lado, o ciclo – delineamento/formulação, implantação/implementação, monitoramento/avaliação – relativo à concretização de ações e, por outro lado, responsabilidade pública e ética por parte do Estado e da Sociedade. São estratégias de atuação política que envolvem variáveis complexas – participação, representação, transparência, governança, governabilidade – em processos de decisão que impactam a vida em Sociedade.

A experiência brasileira na área indica discontinuidades permanentes, com pautas sucumbidas, agendas desmontadas e ciclos feridos. Considerando tal acepção é possível questionar quando e em que circunstâncias as políticas públicas são efetivamente desenvolvidas no Brasil. E, se formos

um pouco mais além, podemos perguntar – políticas: públicas? Os desafios inerentes à configuração do Estado Democrático de Direito abrangem o fortalecimento das políticas públicas.

A partir das considerações acima, é possível propor algumas reflexões acerca das políticas públicas no Brasil: a) em que medida a estrutura política brasileira incide no ciclo das políticas públicas no país; b) as possibilidades e os limites para que os representantes do Estado e da Sociedade qualifiquem a sua participação no ciclo das políticas públicas; c) quais mecanismos podem ser utilizados para criar pautas que verdadeiramente reflitam as demandas da Sociedade, os interesses de toda a coletividade; d) quais mecanismos podem ser utilizados para que a Sociedade em geral possa conhecer e acompanhar as agendas e participar efetivamente dos processos decisórios concernentes às políticas públicas no país.

Tais questões, dentre outras, situam-se tanto no debate político sobre o que se busca com as políticas públicas no Brasil, quanto na proposição de temas e agendas futuras. Afinal, precisamos repensar não somente os temas e os conteúdos das políticas públicas, mas, sobretudo, as formas escolhidas para desenvolvê-las e efetivá-las, ainda que parcial e circunstancialmente.



Publicação é um guia rápido para entendimento das Políticas Públicas

Gestão participativa. Ações de empoderamento. Economia participativa. Reforma do sistema político. Regulação Econômica... Para quantos desses termos você conseguiu elaborar mentalmente uma definição?

Para apresentar e centralizar conceitos, teorias e entendimentos sobre esses e outros termos, de forma ágil e introdutória, lançou-se o segundo volume do Dicionário de Políticas Públicas, organizado pelas professoras da Faculdade de Políticas Públicas da UEMG (FaPP) Carmen Lúcia de Castro, Cynthia Rúbia Gontijo e Luciana Moraes.

A publicação conta com 102 articulistas, 490 páginas e mais de 200 verbetes inéditos redigidos por especialistas da FaPP, do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais e da Fundação João Pinheiro.

A professora Luciana Moraes, articulista e coorganizadora da publicação, defende a atualidade e necessidade de divulgar conceituações a todos aqueles que lidam com a elaboração, execução e acompanhamento das políticas públicas.

“Estamos em um momento complicado de nossa política, de modo geral. O Dicionário surge oportunamente para auxiliar o estabelecimento do binômio desenvolvimento e governança, cujas soluções somente encontramos quando nos debruçamos sobre os problemas das políticas públicas”, afirma.

O Volume 2 do Dicionário foi lançado em outubro durante a programação do I Congresso Internacional de Controle e Políticas Públicas, realizado no Minascentro, em Belo Horizonte. Com distribuição gratuita para um público composto por agentes públicos de todos os poderes e de esferas distintas, mais de 200 pessoas acompanharam o lançamento oficial realizado pelo reitor da UEMG, Dijon Moraes Júnior e pelo presidente do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais e do Instituto Rui Barbosa, Sebastião Helvécio de Castro, que também assinaram os prefácios da obra.

A edição atual foi lançada três anos após o sucesso do primeiro volume, esgotado rapidamente e que se tornou referência em

diversos entes públicos dos três poderes no país. Foram impressos mais de 2,5 mil exemplares desta segunda edição, que deverão ser distribuídos a bibliotecas e órgãos públicos de todo o país.

O verbete é...

... **OUVIDORIA PÚBLICA** (Célia Pimenta Barroso Pitchon)

“É histórica a figura do Ouvidor no Brasil. Em 1549, com o estabelecimento do Governo Geral, surge o 1º Ouvidor-geral do país, Pedro Borges de Souza, que, além de julgar em grau de recurso as decisões proferidas pelos Ouvidores das Capitânicas Hereditárias, também investigava e inspecionava o andamento da Justiça e da Administração Pública (...)”.

Excerto extraído da pág. 302 do Dicionário de Políticas Públicas.

Questões étnico-raciais marcam obra indicada ao Vestibular

Ver de perto não apenas uma autora, mas uma mulher cuja obra representa a valorização da literatura negra, do olhar negro, da cultura afro-brasileira. Essa foi a experiência compartilhada pelas pessoas que, no último dia 4 de novembro, compareceram ao auditório da Associação Médica de Minas Gerais para conferir o evento promovido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) que colocou o público em contato com Conceição Evaristo, autora de ‘Olhos d’água’, uma das obras indicadas para o Vestibular 2016 da Universidade.

Neste seu livro mais recente, a escritora mineira – que foi uma das representantes da literatura nacional no Salão do Livro de Paris, que este ano teve o Brasil como convidado de honra – aborda por meio de contos a pobreza e a violência urbana que assolam a população afro-brasileira. São histórias que apresentam uma galeria de personagens, sobretudo mulheres, evocadas em seus dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a condição humana.

Há 15 anos professor de Letras da Faculdade de Educação da UEMG, Agostinho Vieira Neto endossa essa sinopse da publicação. Tendo participado diretamente da escolha do livro para a edição 2016 do Vestibular da Universidade, ele explica como chegou à indicação do mesmo: “Eu estava pesquisando a obra de autores mineiros vivos, que é o perfil que a UEMG busca na escolha dos livros para seu Vestibular, e recebi a indicação de uma professora. Fui pesquisar e realmente achei interessante. Foi me fazendo lembrar de literaturas mais antigas que já tratavam



dessa questão da marginalidade e da opressão, como no caso de outra mineira, a Carolina de Jesus” – cuja célebre obra, *Quarto de Despejo*, completa neste ano 65 anos de publicação.

Estudioso das questões étnico-raciais na instituição, o vice-reitor da Universidade, professor José Eustáquio de Brito, contextualiza a escolha da obra de Evaristo: “Vem coroar uma estratégia que a UEMG adota de pautar essas questões em várias de suas ações e projetos. Nesse ano, por exemplo, tivemos a Semana UEMG [evento de Extensão da Universidade] voltada para a temática da afrodescendência e diversidade, e participamos do Fórum Mineiro de Ações Afirmativas”. O vice-reitor destaca ainda o histórico de compromisso da Universidade com as ações afirmativas (a instituição aplica a lei de cotas desde 2005, enquanto nas federais a adoção remete à lei federal nº 12.711 de 2012) e aponta que uma série de disciplinas acadêmicas estão surgindo nos cursos da UEMG com foco na cultura e na população negra.

Confiando nessa ampliação do entendimento e da leitura relacionados ao universo afrodescendente, a própria



Traduzido para 14 línguas em 20 países, ‘*Quarto de Despejo*’ é o livro mais famoso de Carolina Maria de Jesus: um diário com linguagem poética e imagens fortes sobre o cotidiano numa favela paulistana, nos anos 50 do século passado. Além de retratar com lucidez crítica a pobreza e a questão racial, a obra é considerada um dos marcos da escrita feminina no Brasil. Mineira de Sacramento, Carolina completaria seu centenário no ano passado, caso estivesse viva.

Conceição Evaristo comemora que o livro dela tenha estado presente no Vestibular da Universidade: “Representa um momento importante, que dá visibilidade não só à minha escrita, mas à escrita dos afro-brasileiros e das mulheres negras. Porque, a partir deste texto, fica o convite aos leitores em geral para que pesquisem, procurem outros livros de escritoras e de escritores negros”.

Confira mais sobre a literatura de Conceição Evaristo acessando a matéria ‘Páginas da negritude’ em nosso site: www.uemg.br/noticia_detalhe.php?id=7390

A cartada da inclusão

Projeto que utiliza jogo de cartas no ensino de Libras para crianças vence prêmio nacional

Uma proposta relativamente simples, barata e criativa tem contribuído para a difusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) junto a estudantes do Ensino Básico, em Belo Horizonte. Trata-se do Librário, criado dentro da Escola de Design da UEMG (ED) e que trabalha os fundamentos da linguagem de sinais com crianças a partir de um jogo de memória. Trata-se de um baralho de pares de cartas contendo substantivos da Língua Portuguesa e seu sinal correspondente em Libras.

Desde que foi introduzido, no formato de oficinas, junto a turmas do Ensino Básico de escolas públicas, a recepção tem se mostrado bastante positiva. “Aprender brincando, com o lado direito do cérebro é muito bom e os alunos veem o Librário com empolgação”, afirma a estudante de Artes Visuais Flávia Oliveira, que ministra as oficinas junto aos estudantes e defendeu em novembro seu Trabalho de Conclusão de Curso baseado nas experiências do projeto. “Até mesmo adultos, quando participam da oficina, aprendem algumas palavras em Libras, desejam saber mais e levar o jogo para casa”, conta.

E a ideia de se trabalhar a disseminação da linguagem de sinais com o público infantil não foi aleatória. “Trabalhar a inclusão com o público infantil é como plantar uma semente de inclusão em terreno fértil”, defende a professora Nadja Mourão, orientadora do projeto.

A coordenadora do Centro de Estudos em Design e Tecnologia da ED, professora Rita Engler, também colaboradora no projeto, acrescenta: “Hoje em dia ensina-se a Língua Inglesa nas escolas, por que não se faz o mesmo com as Libras, que é a segunda língua oficial do Brasil?”.



Quando essa premissa se reúne a uma instituição importante na formação intelectual e social da criança, como é a escola, a abordagem se complementa. “Acreditamos na importância do ensino na infância e na socialização dos surdos e ouvintes, pois a escola é uma das principais instituições que devem assegurar os processos de sociabilidade entre os alunos, preparando o sujeito sociocultural para se integrar e interagir com o mundo de forma consciente e independente”, defende Nadja.

Além das práticas lúdicas realizadas junto aos estudantes, o projeto também proporciona treinamento de Libras para

a comunidade escolar, para grupos de estudo, encontros acadêmicos e sociedade em geral. “O ponto de partida é promover a aproximação e a empatia com o outro, seja surdo ou não”, revela Flavia.

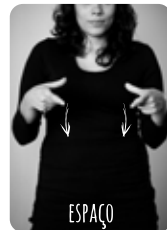
Premiação

Pelo envolvimento que proporciona junto à comunidade, a transformação social efetiva que promove e a possibilidade de ser replicado em âmbitos local, regional ou nacional, o Projeto Librário: Libras na escola e na vida venceu na categoria Universidades o 8º Prêmio Tecnologias Sociais, promovido bianualmente pela Fundação Banco do Brasil, em edição que contou com mais de 866 inscrições de todo o país.

O reconhecimento não somente fomentará os próximos passos do projeto, como também reafirma a temática da inclusão como um tópico prioritário nos projetos de pesquisa, extensão e ensino da Unidade e da própria Universidade. “Havia uma programação de atividades voluntárias em escolas. Com recursos do prêmio, o Librário passará a ser produzido para distribuição inicialmente aos intérpretes de Libras e uma nova programação se estenderá para atender às escolas públicas e instituições parceiras”, anuncia a professora Nadja Mourão.

Outras novidades derivadas do projeto e que estão em andamento são a criação de um site e um aplicativo com o jogo, que atualmente possui duas versões: uma com campo semântico geral e outro específico para as Artes Visuais, trabalhando conceitos como escultura, pintura, perspectiva, textura e cor, entre outros.

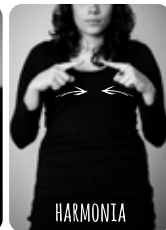
Pratique um novo vocabulário!



ESPAÇO



LUZ



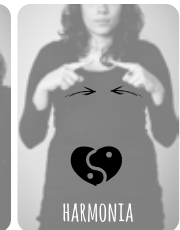
HARMONIA



ESPAÇO



LUZ



HARMONIA



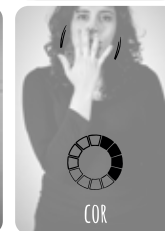
COR



PINTURA



EQUILÍBRIO



COR



PINTURA



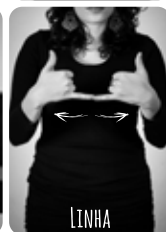
EQUILÍBRIO



ABSTRATO



INSTALAÇÃO



LINHA



ABSTRATO



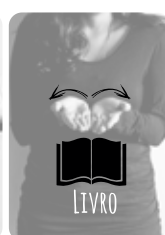
INSTALAÇÃO



LINHA



CARRO



LIVRO



BANANA



CARRO



LIVRO



BANANA



MESA



CRIANÇA



TELEFONE



MESA



CRIANÇA



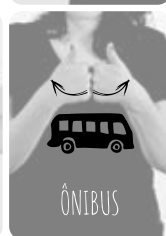
TELEFONE



PRAIÁ



HORA



ÔNIBUS



PRAIÁ



HORA



ÔNIBUS



Devagar e (que seja para) sempre

Projeto apoiado pela Universidade atua para preservar joia rara da fauna mundial

Em todo o planeta, eles habitam de maneira escassa uma faixa estreita de pouco mais de 100 quilômetros de extensão. Segundo as estimativas atuais, não chegam a 500 indivíduos. É esse o nível de raridade quando falamos do *Mesoclemmys hoguei*, conhecido popularmente como ‘cágado-do-paraíba’. Caracterizado pela maturidade sexual tardia (encontra-se pronto para a reprodução apenas aos 15 anos de idade) e pela baixa fertilidade (os estudos até hoje identificaram fêmeas com no máximo 11 ovos, enquanto tartarugas conseguem pôr centenas), no mundo, esse cágado está classificado entre as 25 espécies mais ameaçadas de quelônios (saiba mais no primeiro quadro da próxima página). Para piorar, a área de ocorrência do cágado, ao longo e no entorno do Rio Carangola (que fica na bacia do rio Paraíba do Sul), é marcada pela intensa ocupação humana e pela concentração de indústrias, sofrendo com a degradação ambiental.

Porém, a batalha pela preservação da espécie não está perdida. Pelo menos não para os agentes do programa ‘Cágado do Paraíba – pesquisa e conservação’, desenvolvido por um conjunto de instituições (leia o segundo quadro), incluindo a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Os esforços da iniciativa, hoje, são traduzidos pelas ações do projeto ‘Cágado-do-Paraíba: manejo para recuperação dos estoques populacionais da espécie *Mesoclemmys hoguei* na bacia do Paraíba do Sul’ (veja o último quadro), aprovado em 2013 no Programa Petrobras Socioambiental, que garantiu dois anos de patrocínio.

Mas o começo do programa do cágado remete a 1992, quando a pesquisadora Gláucia Drummond, atual superintendente geral na Fundação Biodiversitas, iniciou um levantamento sobre quelônios na Mata Atlântica, segundo ela pouco estudados em nosso país. Foi quando identificou

o cágado-do-paraíba, espécie que há muitos anos não era observada na natureza. A curiosidade do primeiro contato foi crescendo e Gláucia decidiu levar à frente a pesquisa do animal em seu projeto de mestrado, já no ano 2000: “Na continuação desse trabalho, também fui buscando propor formas de preservação da espécie em sua bacia”.

Na evolução desse trabalho entrou em cena o professor Braz Cosenza, diretor da Unidade Carangola da UEMG e presidente da ONG CECO, referência para as temáticas ambientais na Zona da Mata. Ele resolveu abraçar a defesa do cágado a ponto de considerar fundamental tomá-lo como espécie bandeira não só do Rio Carangola, mas de toda a bacia do Paraíba do Sul: “Porque é um animal ameaçado, aliás, é a única espécie de quelônio de água doce que está na lista do IBAMA de animais ameaçados de extinção”.

Agora, próximo ao fim do período de financiamento pela petrolífera, que termina neste mês de dezembro, o projeto vem obtendo importantes conquistas, como o lançamento de seu vídeo institucional, a formação do comitê de proteção ao cágado e as oficinas de capacitação em educação ambiental com professores do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano de Ensino Médio de escolas públicas e particulares dos municípios presentes na extensão do Rio Carangola: Orizânia, Divino, Carangola, Faria Lemos e Tombos, em Minas Gerais, além de Porciúncula e Natividade, no Rio de Janeiro.

Com tantas frentes de trabalho, os resultados já vieram. Segundo Gláucia, o monitoramento contínuo dos cágados tem apontado que a população encontra-se estável: “O levantamento que construí ao longo desses mais de 20 anos acompanhando a espécie indicavam que a taxa populacional decrescia de forma acentuada [cerca de 20% ao ano]. Mas recentemente, com o projeto em sua versão mais ampla, foi possível interromper essa tendência”. Para ilustrar o declínio do cágado até a etapa financiada do projeto, Gláucia informa que, no início da década de 1990, o território de maior ocorrência dos indivíduos se estendia por um trecho de 40 a 50 quilômetros. Nos últimos anos, a concentração situa-se apenas no médio Rio Carangola, uma faixa de aproximadamente 20 quilômetros entre Carangola e Tombos.

Para garantir o quadro de manutenção na quantidade de espécimes e mesmo para elevar a população do quelônio, o programa do cágado não pode parar. Caso o patrocínio com a Petrobrás não seja renovado, alternativas

serão necessárias. Braz explica que uma delas é redesenhar o escopo de atuação do projeto conforme os novos recursos disponíveis: “Teríamos que elencar dentre as metas do projeto uma que fosse chave e tentar algum fundo estadual, federal ou mesmo particular para dar prosseguimento a ela. Por exemplo, a localização dos ninhos, estratégico para a preservação da espécie, ou o trabalho de educação ambiental”.

Desafio. Assim Gláucia define a questão da sustentabilidade da ação. Contudo, ela reforça que o programa permanecerá ativo, pois já é um trabalho institucional da rede de organizações que o desenvolvem. “Estamos mapeando as oportunidades. Inclusive, articulando com parcerias internacionais a criação de uma reserva de proteção ao cágado, que seria a primeira no Brasil voltada à proteção de espécie aquática. Dependendo do cenário, o programa pode até hibernar, mas ficaremos de olhos abertos para novas fontes de recursos, como outros patrocínios, condicionantes de algum licenciamento ambiental, etc.”.

Indicador de consciência ecológica

Para Braz Consenza, a história do cágado se confunde com a do Rio Carangola. Na opinião dele, o mais importante seria convencer a população de que a conservação da biodiversidade está aliada ao cuidado com o próprio rio: “O cágado representa uma imagem muito clara do estado de conservação do rio. Até 1922, as pessoas captavam água diretamente do Carangola para vários afazeres básicos, como lavar utensílios, calçadas e mesmo tomar banho”.

Quelônios: por dentro das diferenças

Ordem de répteis caracterizada pela presença de uma carapaça dorsal, os quelônios compreendem os cágados, as tartarugas e os jabutis. Estes últimos são exclusivamente terrestres. As tartarugas podem ser tanto marinhas como de água doce, e algumas espécies transitam bem pela terra, como a de Galápagos. Já os cágados, além de habitarem exclusivamente a água doce, diferem das tartarugas porque dobram o pescoço para o lado ao recolhê-lo para dentro do casco.

A rede institucional do projeto

O Centro de Estudos Ecológicos e Educação Ambiental (CECO) é a ONG local responsável diretamente pela gestão do projeto. Outra ONG, a Biodiversitas, participa da pesquisa e monitoramento do cágado com base em seu histórico de atuação na recuperação de diversas espécies ameaçadas. O Centro Nacional de Conservação e Pesquisa de Répteis e Anfíbios (RAN/ICMBio) é o órgão estatal que colabora institucionalmente com a representação no Comitê para Integração da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul. Já a UEMG, por meio de convênio sem custos de mútua cooperação técnica junto à CECO, empresta sua estrutura física e humana às atividades – a sede está localizada na Unidade Carangola da Universidade, que tem ainda estudantes e professores, respectivamente, como estagiários e gestores do empreendimento.

Atuação

No contexto atual do projeto, as frentes de trabalho incluem:

- ampliação do conhecimento sobre a espécie – monitoramento populacional, identificação dos habitats, estudo da fisiologia, etc.;
- atenuação das pressões ambientais – recuperação de áreas degradadas e promoção da ligação entre os remanescentes florestais da bacia;
- gestão sustentável dos recursos naturais locais – criação do Comitê Intermunicipal Pró-Cágado;
- sensibilização da população – educação ambiental com pescadores, estudantes e demais moradores da região.

Além da poluição, outro importante fator de risco para a espécie passa pelo contato com os pescadores da região, em sua maioria amadores. Como explica a bolsista diretamente envolvida com as ações de educação ambiental do projeto, Luyara Muniz, frequentemente o cágado é atraído pelas iscas dos anzóis e, sem o devido conhecimento para removê-lo, os pescadores, também com receio de manusear o animal e ainda sem saber do grau de raridade da espécie, acabavam simplesmente por mata-lo. No intuito de mudar isso, a equipe do projeto faz-se presente constantemente nas áreas de pesca para orientar os pescadores, recolher os espécimes acidentalmente fígados e estimular o uso de equipamentos adequados: “Estimulamos o uso do chamado anzol circular, que tomamos como referência do Projeto Tamar e adaptamos às proporções do cágado. Diferente do anzol comum, chamado de anzol J, que tem a volta curvada pra cima, o circular tem a ponta pra dentro, o que dificulta a mordida do cágado e que ele seja enganchado”. Em outro trabalho desenvolvido com os pescadores, foi possível definir zonas de exclusão de pesca para diminuir os impactos à espécie; acordo que a polícia ambiental ajuda a fiscalizar.

Esse envolvimento da população é destacado por Braz como um dos legados do projeto: “O nome do nosso vídeo é ‘Cágado-do-Paraíba: o ilustre desconhecido do Rio Carangola’. E o título não é à toa porque praticamente ninguém conhece esse bicho direito. Sabe que no rio tem uma tartaruga – que na verdade não é tartaruga, né? –, mas poucos tinham ideia da complexidade de sua biologia. Então, acho que um dos grandes êxitos foi levar a importância do animal e também do Rio Carangola para as pessoas da região”.



Os conhecimentos desenvolvidos no projeto mobilizam a Universidade (foto à esquerda) e os moradores da região (atividade de educação ambiental, na foto à direita).

Trabalho com o cágado | Passo a passo

1. Identificação das áreas onde ocorre a espécie;
2. Montagem e monitoramento das redes de captura;
3. Coleta de espécimes (na imagem, o pesquisador do projeto, Rogério Luiz da Silva);
4. Pesagem e conferência de medidas e do casco;
5. Coleta de sangue e outros materiais para análise;
6. Marcação do caso e colocação de transmissores;
7. Retorno do cágado ao seu habitat;
8. Monitoramento – também por telemetria (rastreamento por radio frequência)



Repensando os rejeitos do minério de ferro

Segundo estudo recente da Fundação Estadual de Meio Ambiente, Minas Gerais possui atualmente 735 reservatórios de rejeitos provenientes da prospecção do minério de ferro, 29 deles apresentando sério risco de rompimento.

O represamento é a técnica mais barata e a mais utilizada no país para dar destinação aos resíduos da mineração, entretanto, pesa em sua conta a efetiva degradação que causa e a potencial destruição ambiental que ameaça.

Atualmente existem técnicas mais avançadas, como a separação magnética, que prescinde da utilização de água e cria pilhas “secas” de rejeitos. Embora mais segura, sua implementação encarece a produção e desestimula sua adoção pelas empresas.

Mesmo que essas novas práticas fossem adotadas, ainda não resolvem os problemas já estabelecidos pelas numerosas barreiras de rejeitos existentes. Empresas particulares e instituições de ensino se mobilizam para buscar alternativas viáveis para a reutilização do material descartado. Iniciativas de destaque começam a aparecer sugerindo seu reúso na construção civil.

Uma dessas pesquisas está em andamento na Faculdade de Engenharia da UEMG (FaEng), em João Monlevade. Em período de testes, a produção de tijolos ecológicos a partir desses rejeitos é o Trabalho de Conclusão de Curso do estudante Daniel Abreu Milagre, 9º período de Engenharia de Minas, orientado pelo professor Marco Antônio Gomes.

O estudante conta que o material, que não utiliza queima em sua produção, é versátil e pode ser utilizado na construção de casas, calçadas e muros, entre diversas outras aplicações. Tem apresentado bons

resultados quanto à resistência, durabilidade e termoacústica, com a vantagem adicional de ser mais barato em relação aos tijolos convencionais e de proporcionar uma boa economia para o consumidor final. “Por ser um tijolo de encaixe, diminui o tempo de execução, além de diminuir gastos com mão de obra e com materiais, como cimento, areia para reboque, ferragens, pintura e acabamento”, afirma.

Para que essa proposta se afigure como uma solução eficiente para modificar a

em transformar o rejeito em tijolos. As pesquisas nessa área são tímidas e devem avançar mais. Novas tecnologias podem surgir para dar destinação aos rejeitos e evitar rompimentos de barragens”, opina.

Ensinando a Comunidade

Enquanto a pesquisa aguarda os resultados dos testes com os tijolos que utilizam em sua composição os rejeitos de minério de ferro, Milagre e o professor Leonardo Lúcio Gouveia, da FaEng, desenvolvem



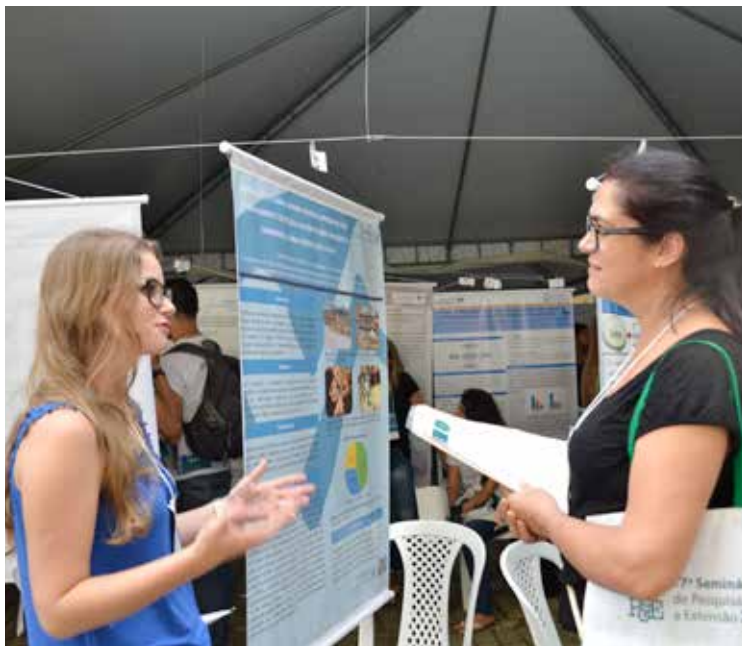
Daniel Abreu Milagre à esquerda do orientador Marco Antônio Gomes

realidade dos resíduos de mineração, seria necessário um grande engajamento por parte das empresas particulares e do poder público, com a finalidade de articular as condições necessárias para o estímulo de uma cadeia produtiva voltada para a construção civil, que se baseie principalmente na utilização desse insumo.

Embora conceda sua contribuição para o problema por meio de sua pesquisa, o estudante defende mais estudos sobre o tema: “Deve-se pensar não somente

conjuntamente o projeto de extensão Eco-tijolo: construindo cidadania através de empreendimentos solidários.

Por meio de oficinas e minicursos voltados para a comunidade local, ensinam e orientam os participantes, para, a partir de prensas manuais, fabricarem seus próprios tijolos ecológicos a partir da mistura solo-cimento-água. O projeto tem como bolsista o também estudante de Engenharia Euler Pinto Coelho.



Espaço de interação e conhecimento

Unidade Carangola recebeu, em novembro, a 17ª edição do Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG

Assessoria de Comunicação – UEMG Unidade Divinópolis

Localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, a 357 km de Belo Horizonte, a acolhedora cidade de Carangola, de cerca de 33 mil habitantes, recebeu, entre os dias 25 e 27 de novembro, a 17ª edição do Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG. Esta foi a segunda vez que a cidade acolheu o evento – a primeira foi em 2003, quando foi realizada a 5ª edição do seminário. Além disso, Carangola é a primeira unidade da UEMG a sediar o seminário após o evento voltar a ser itinerante entre as unidades da Universidade.

O seminário buscou, entre outros objetivos, promover a integração das atividades de pesquisa, extensão e ensino e intensificar a interação entre professores

e acadêmicos das unidades da UEMG e de outras instituições.

Nos três dias do seminário, foram realizadas 1.126 atividades acadêmicas, entre palestras, mesas-redondas, sessões de comunicação coordenada, exposição de pôsteres, oficinas, mostras de fotografia, lançamento de livros e minicursos. O evento contou com a participação de cerca de mil estudantes e professores de todas as unidades da UEMG, além de convidados.

O diretor da UEMG Unidade Carangola e presidente do Comitê Acadêmico de Organização do Seminário (CAOS), professor Braz Cosenza, destacou a importância do seminário para a Universidade. “Nós conseguimos mostrar a capacidade da UEMG de realizar um

evento dessa magnitude: apresentar, aqui em Carangola, todo o trabalho de ensino, pesquisa e extensão desenvolvido pelas unidades da UEMG”, pontuou.

Abertura

Além do professor Braz Cosenza, a cerimônia de abertura contou com a presença, entre outros, do vice-reitor da UEMG, professor José Eustáquio de Brito; das pró-reitoras Terezinha Abreu Gontijo (Pesquisa e Pós-Graduação) e Vânia Costa (Extensão); do coordenador de Pesquisa da UEMG Unidade Carangola e membro do CAOS, professor Alexandre Horácio Couto Bittencourt; e da coordenadora de Extensão da UEMG Unidade Carangola e também membro do CAOS, professora Glaciene Januário Hottis Lira.

Com o título “Ouvir é mais que escutar, olhar é mais que sentir, saber é mais que fazer ciência”, a palestra de abertura foi realizada pela professora doutora France Coelho, da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A palestra abordou a importância do diálogo entre os professores e estudantes que realizam ações de extensão e as comunidades nas quais elas são desenvolvidas.

Interação

A professora Marília Nunes, da Unidade Divinópolis, destacou que o seminário possibilitou a troca acadêmica entre os estudantes e professores que desenvolvem projetos de pesquisa e extensão. “É muito importante este diálogo com as demais unidades. É um momento em que podemos divulgar os nossos trabalhos”, frisou.

O estudante Mateus Gonçalves, da Escola de Design, de Belo Horizonte, reforçou a importância da interação entre os pesquisadores das unidades da Universidade. “É um momento em que temos a oportunidade de fazer contatos com outros pesquisadores”, afirmou.



Diversidade de projetos nas áreas de pesquisa e de extensão

A principal característica do 17º Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG foi a diversidade de trabalhos apresentados durante os três dias do evento.

Um dos destaques entre os pôsteres apresentados foi o do projeto de extensão “Linguagem e memória: a educação estética numa série de cidades... Mariana, a primaz de Minas”, apresentado pelas estudantes Camila Cristian Contão e Débora Maria de Souza Lana, do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FaE) da UEMG, de Belo Horizonte.

Com orientação do professor Ricardo José Camêlo da Silva, o projeto busca elaborar e organizar aulas peripatéticas (termo utilizado pelo filósofo grego Aristóteles para designar “o que se ensina passeando”) em espaços urbanos com o objetivo de investigar elementos históricos e artísticos, tendo como objeto de estudo o barroco mineiro da cidade de Mariana.

Com o objetivo de analisar os conflitos das tradições negro-africanas e afrobrasileiras entre a escrita e a oralidade, foi promovida, durante o seminário, a mesa-redonda “Conflitos entre a escrita e a oralidade: Ifá – o Senhor do Destino nas tradições dos povos Yorubá”, mediada pela professora Aline da Fonseca Sá e Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e da qual participaram os professores pesquisadores Emerson Costa de Melo, da Unidade Carangola; Rosiane Rodrigues de Almeida, da Universidade Federal Fluminense (UFF) e Ladislau Lyra Neto, do Centro de Estudos Ilê Orunmilá Soro Orisa.

Outra importante atividade da programação do seminário foi a palestra realizada pelo professor Eduardo Goulart Collares, da Unidade Passos, sobre “O zoneamento ambiental como instrumento de gestão dos recursos hídricos: a experiência do Projeto Grande Minas – União pelas Águas”, cuja bacia e afluentes passam pela cidade de Passos. O projeto foi premiado em 1º lugar na Feira de Ciências e Inovações Tecnológicas (Feicintec), realizada pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Minas Gerais (CREA-MG).

Ressignificação

A pró-reitora de Extensão da UEMG, Vânia Costa, avaliou a importância do seminário para a resignificação das unidades da Universidade. “O seminário, que começou no formato itinerante e depois foi realizado em Belo Horizonte durante alguns anos, agora volta a circular pelas unidades. Desta forma, o seminário também contribui para que os cursos das fundações incorporadas se configurem como uma Unidade da UEMG inserida em sua região, reforçando o significado da unidade na diversidade”, ressaltou.

Segundo a pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da UEMG, Terezinha Abreu Gontijo, o seminário é um espaço de interação entre estudantes e professores da UEMG. “Por ser um evento que reúne estudantes e professores de diferentes partes do estado, com diferentes culturas, vivenciando diferentes problemas e buscando diferentes soluções, o seminário se enriquece por esta diversificação”, enfatizou Terezinha.



Foto superior à direita: Reitor com estudantes e professores da UEMG em intercâmbio no Politecnico di Milano; na foto logo abaixo, junto à comitiva do Governo de Minas na Itália

Design mineiro repercute em Milão

A Semana Minas Gerais, apresentada no Pavilhão Brasil durante a Expo Milão 2015, em outubro deste ano, rendeu ao estado contatos para negócios, parcerias e investimentos com empresas e instituições de diversos países do mundo.

Considerado o terceiro maior evento do mundo em termos de público, atrás apenas da Copa do Mundo e das Olimpíadas, a Expo 2015, que nesta edição foi sediada em Milão, Itália, reuniu 145 países e contabilizou mais de 20 milhões de visitantes durante os seis meses de atividades ininterruptas, sendo mais de sete milhões deles apenas no Pavilhão Brasil.

Durante a Semana Minas Gerais, entre os dias 12 e 18 de outubro, uma comitiva formada pelo Governo de Minas Gerais e instituições particulares e paraestatais apresentaram para empreendedores e investidores as oportunidades e possibilidades de atuação e parcerias disponíveis no estado.

Entre os temas apresentados durante esse período e que obtiveram destaque está o design mineiro, que despertou a curiosidade e foi elogiado por empresários e jornalistas locais. O responsável pela divulgação do tema foi o reitor da Universidade do Estado de Minas Gerais, professor Dijon Moraes Júnior.

Convênios e parcerias

Em decorrência da viagem, o reitor anunciou a assinatura de novo convênio com a Universidade Bicocca de Milão, nas áreas Humanas e Sociais, e a renovação de outros já em vigência. “Reforçamos as ações em andamento com o *Politecnico di Torino* e o *Politecnico di Milano*. Temos intercâmbio de estudantes, convênio de duplo título em graduação e vagas reservadas para os nossos professores nos doutorados das duas renomadas instituições italianas”, enumerou.

Empresas, no âmbito do design e da inovação, também manifestaram interesse em estreitar laços para estabelecer parcerias com a Universidade para novas tecnologias digitais e inovativas, tais como a *Figmenta*, *Italian Technologies*, *CDi Manager* e *PERRI's BITE*.

A repercussão também se deu na imprensa italiana. O reitor foi entrevistado pela Revista Casa Vogue Itália, em matéria que retratava o design em Minas Gerais, enaltecendo o diferencial e presença da identidade mineira nos produtos de moda, design e gastronomia.

Outro resultado positivo da participação da comitiva mineira no evento será a recepção de uma missão da região italiana de Veneto a Minas Gerais, no início de 2016. Diversas empresas de pequeno e médio porte italianas querem conhecer as condições e oportunidades para produzir no estado.

Herbário de Carangola ganhará plataforma virtual



arquivos digitais, aplicativo específico para lançar virtualmente a coleção, além de bolsa para o estagiário que irá operacionalizar a migração dos dados. Devem ser necessários dois anos para concluir o trabalho de digitalização, segundo o curador do herbário e também diretor da UEMG Unidade Carangola, Braz Consenza. Para ele, a mudança promoverá o herbário a um nível de qualidade internacional: “Tendo uma base virtual, há economia de tempo e dinheiro, ao se evitar a necessidade de deslocamentos para visita, facilitando o acesso do público e socializando a informação científica”, afirma Braz.

Atualmente, o Herbário da Unidade possui um acervo de mais de 6 mil exsicatas (exemplar de planta seca e prensada para coleção). O patrimônio reúne espécimes do leste mineiro, sul capixaba e noroeste fluminense, com foco no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Parque Nacional do Caparaó e Vale do Rio Carangola.

Criado em 2005 para dar suporte a trabalhos científicos e a atividades didáticas e de educação ambiental, o projeto da UEMG acaba de ser contemplado pelo ‘Programa Re flora –

Plantas do Brasil’ do CNPQ, que confere suporte para divulgar a produção de herbários de todo o país. A aprovação no edital garante novos equipamentos para registro fotográfico, armazenamento dos

Frutal inicia especialização em Agroecologia no Cerrado

Primeiro curso do tipo na Universidade voltado ao tema e também primeira pós graduação *lato sensu* oferecida gratuitamente pela UEMG Frutal, a especialização entrou em atividade no segundo semestre de 2015 e tem previsão de conclusão para junho do ano que vem. O curso busca fornecer uma compreensão crítica da realidade do meio rural, com foco na aplicação dos pilares da sustentabilidade (ecológica, econômica e sociocultural) no bioma que domina mais de 50% do estado. Como explica o coordenador da especialização, professor Thiago Torres, a iniciativa não se resume ao aprimoramento acadêmico,

profissional e pessoal, mas representa uma oportunidade de compreender um manejo diferenciado da produção agrícola, integrando seu desenvolvimento aos aspectos ambientais e comunitários. Foram ofertadas 30 vagas na formação, que é organizada pelo Grupo de Pesquisa Uso e Conservação de Recursos Naturais da Unidade Frutal. Entre as parcerias do curso está a HidroEX (Fundação Centro Internacional de Capacitação e Pesquisa Aplicada em Água), reconhecida pela Unesco e vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Sectes-MG).



A pesquisadora da UFRRJ, Patricia Dias Tavares, conduziu a aula magna do curso no início de novembro

Arte & criatividade!

Criação: Ricardo Tokumoto



RYOTIRAS.COM



I Mostra de Artes Semana UEMG aconteceu na Guignard

Atrações artísticas, com a participação de estudantes da Universidade, agitaram o final de semestre na Escola Guignard, em Belo Horizonte.

Durante os dias 1º e 5 de dezembro, performances e apresentações de dança, teatro e música, selecionados em edital de apoio da Pró-reitoria de Extensão demonstraram a versatilidade dos estudantes da Universidade e traduziram sua inquietação sobre temas como o papel feminino na sociedade brasileira e a afrodescendência. Confira na Fan Page: <https://www.facebook.com/MostraSemanaUemg/timeline>

